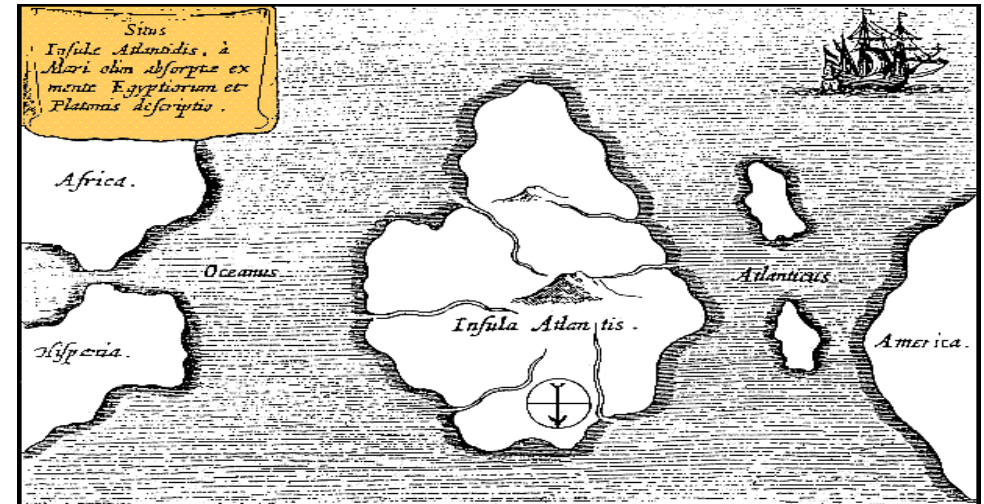


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 27 - edição março 2015
DEDICADO A Madalena San-Bento



CADERNO Nº # 27 - edição março 2015

DEDICADO A Madalena San-Bento

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia (Helena Chrystello editou este número)

Coordenação dos Cadernos: Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

Editado por

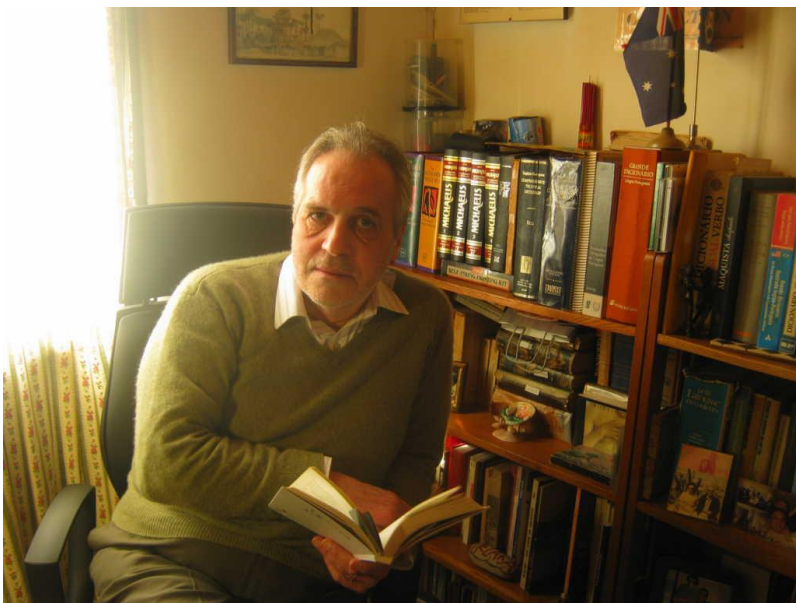


© TM ®

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

² adotando a designação feliz utilizada por Álamio Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos CADERNOS já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,
6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,
8. Mário Machado Fraião,

Madalena San-Bento

9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,
15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Dóres,
18. José Martins Garcia,
19. CANCELADO
20. Joana Félix,
21. José Nuno da Câmara Pereira,
22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
23. Maria das Dóres Beirão
24. Tomaz Borba Vieira,
25. Maria Luísa Soares
26. Susana Teles Margarido
27. e hoje damos voz à escritora **MADALENA SAN-BENTO**

MADALENA SAN-BENTO

Madalena San-Bento nasceu em 1966 em Ponta Delgada. Professora do segundo ciclo do Ensino Básico fez a sua estreia literária em 1989 com o conto *Chuva de Cinzas*, premiado pela Secretaria da Juventude e Recursos Humanos dos Açores. Licenciou-se em História na Universidade dos Açores, em 1989.

Nesse mesmo ano foi premiada pela Secretaria da Juventude e Recursos Humanos com o conto “Chuva de Cinzas”.

Em 1994, ganha o prémio Vitorino Nemésio promovido pela Secretaria Regional da Educação e Cultura com o romance “Os Expostos”. Ulteriormente, e além de várias colaboração com a Imprensa regional, em apontamentos e contos diversos, publicou “Esta Santa Casa” (1997), ensaio e crónica de cunho sociocultural e histórico, sobre a Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

Em 2005 publicou, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada o romance “Diário das Mulheres Toleradas” (prémio atribuído e patrocinado pela Secretaria Regional da Cultura).

Em 2007 colabora com Paulo Filipe Monteiro e Álamo Oliveira na obra “Açores Profundos” da Caixotim.

Em 2010 publicou o conto infantil “A viagem de Aurora”, edição da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Em 2013 publica “A Anunciada” e em 2014 lançou o romance “O Editor”.

Foi incluída na Antologia no feminino “9 Ilhas 9 escritoras” da AICL/Editora Calendário de Letras em 2014.

Neste momento, é uma das responsáveis pela revista “Insulana” do Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Pode ouvir a sua participação no programa televisivo “Ler Açores” (do Plano Regional de Leitura) em <http://leracores-videos.blogspot.pt/2013/05/ler-aco-21-madalena-san-bento.html>



Madalena San-Bento



OBRAS PUBLICADAS

(1989). *Chuva de cinzas*. Prémio da Secretaria da Juventude dos Açores

(1994). *Os Expostos*. Prémio Vitorino Nemésio. col. Gaivota nº 78 SREC. DRAC

(1997). *Esta Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande*. Ed. Misericórdia da Ribeira Grande

(2005). *Diário das mulheres toleradas* Ponta Delgada: ICPD: 287 pp. [1] il.; 21 cm [ISBN 972-9216-87-8]

San-Bento. Madalena, (2007), *Açores profundos, Profound Azores*, Paulo Monteiro; textos Álamo Oliveira, Madalena San-Bento; intro Álamo Oliveira; trad. Patrícia Corrêa Costa. Porto Caixotim: 115 [4]

San-Bento. Madalena, (2007), *Antologia poética, Oliveira San-Bento*; sel. e atualização ortográfica José Lobo San-Bento, Madalena San-Bento. Câmara Municipal Ribeira Grande: 195 pp. Ed. bilingue português e inglês [ISBN 978-972-8651-96-1]

(2010). *A viagem da aurora*. Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Todas as edições em www.lusofonias.net

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

Madalena San-Bento

(2013). *Da Anunciada*, ed. VerAçor

(2014) in *Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras* de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras

(2014). "Apresentação da obra (Antologia no feminino) 9 ilhas 9 escritoras". 21º *Colóquio da Lusofonia*. Moinhos de Porto Formoso. Açores

(2014). *O editor*. Ponta Delgada. VerAçor

(2015), *Diário do Grão-Mestre da Luz. A luta pela iluminação elétrica nos Açores*, ed. EDA e Fundação Eng.º Cordeiro

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



1. Não gosto de letras

Estou a escrever-te para dizer que não gosto de escrever, nem de ler, aliás, porque me obrigaram a fazer isso da pior maneira, toda a minha vida e nunca explicaram para que precisava eu de ser submetido a esta violência.

Estou a escrever-te pela primeira e última vez, espero, só para contar como foram os meus fastidiosos momentos na companhia dos livros; foram horas em que o tempo se arrastava por entre a minha aflição de não entender nada, enquanto pessoas que

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

pareciam compreender tudo falavam acerca das palavras escritas e ainda das que lá não estavam mas que eles garantiam saber que estariam, se os autores tivessem desejado.

Estou a escrever-te sobre a angústia de não nos deixarem escolher sequer uma palavra, um modo diferente de dizer as coisas, sobre a revolta de te obrigarem a ouvir raciocínios numa linguagem que não é a tua e ainda de terem a pretensão de saber sempre o que te fará bem à mente e por isso terá que ser lido, sem nunca, nunca alguém parar para escutar um pouco o que gostaste mais por entre o que foi ouvido, o que sentes que te faz bem à alma.

Estou a escrever-te para me poder revoltar ao menos com alguém, já que até hoje nunca senti que ler ou escrever fosse uma conversa, mesmo quando alguns fragmentos do que lia e por sorte entendia, merecessem resposta.

Porque também me ensinaram que deveria aprender a copiar muito os outros (os tais que escrevem de maneira que eu não entendo) e não quiseram nunca saber das palavras que me nascem na mente quando sinto coisas, ou quando as coisas se insinuam em mim.

Talvez que se alguém me contasse, ao invés de mandar ler apenas, se alguém desfolhasse estes livros herméticos primeiro, eu tivesse podido entrar a medo nestes quartos escritos de paredes pintadas e me tivesse encostado a um canto para apenas ouvir o seu som e decidir devagar o que ele consegue fazer vibrar em mim.

Talvez que se alguém apenas oferecesse a canção da leitura, o poder do afago, não da seriedade das palavras, eu tivesse sido cativado pelos decibéis deste som e depois, devagarinho, me ensaiasse a tocá-lo.

Trago a impressão dolorosa que um livro é algo familiar ao contato, que a minha essência humana quer detê-lo, mas há sempre alguém que me convence que só com muito treino e uma enorme habilidade eu conseguirei decifrá-lo e que me devo deixar guiar pelos passos, pelas técnicas, esquecer por ora o natural, o sentimento.

Mas a verdade é que nada disso aconteceu; estou num reino surdo, onde nasci com a capacidade da comunicação em palavras e não sei ainda o que lhes faço, muito embora elas andem a pular dentro de mim.

Madalena San-Bento



19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MAIA 2013



19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MAIA 2013

2. Séc. XXI

21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSOS 2014



No 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA MAIA

O homem não sabia a que horas chegava a nave do esquecimento, porque agora que as ilhas eram piramidais, desaparecera o horizonte, assim como a definição do tempo.

Estava cansado de navegar nas múltiplas pontes suspensas sobre um caos de água reciclada e fazia-lhe falta à alma o cheiro a mar e a ventania.

Mas assim era melhor, decerto... a terra fora, finalmente autonomizada, desde que provara conseguir recriar-se a partir de substâncias já estioladas e desde que estava aceite que o futuro do mundo não era global, mas sim local e enrijecido.

O homem fizera parte da comissão que demonstrara a capacidade dos ilhéus nesta liderança, uma capacidade genética que ele e o grupo conseguiram argumentar herdada da época em que os povoadores os haviam deixado – um punhado atónito de gente – sós, frente ao mar imenso e à fúria dos vulcões.

Desde os anos em que tinham percebido o quão difícil era ter uma palavra quando os custos das deslocações e o tempo gasto, sobre o céu e sobre o oceano os faziam chegar sempre mais tarde que todos;

Desde a saga das importações de tudo e das exportações de quase nada, desde os défices, a interminável discussão acerca de representações no estrangeiro, permissões para alteração paisagística e para adaptação ao turismo, confronto com visitantes e imitação dos progressos;

Desde sempre o desafio passara a ser o de confrontar os outros com a diferença.

Os ilhéus, postos perante o impasse das múltiplas alternativas, corroeram-se a si próprios numa amálgama de ousadias, propósitos e intuições e descreveram-se ao mundo como uma espécie legítima, autoconstrutiva e alienada, capaz do feito de se reinventar na franca originalidade.

Graças a esta teimosia tornara-se possível reciclar quase tudo a partir das coisas que já não eram, desde líquidos bebíveis, a crianças em férias, passando por matéria calorífera e produções de oxigénio.

Agora o homem esperava pela nave do esquecimento e podia contar com interregnos em que ele e os seus irmãos afogavam a seco as suas saudades, revisitando o sal beijando as epidermes, sonhavam com vacas em pastos coloridos, com humidades azuladas e perdidas, com matas de criptomérias verdes, inclinadas e com o cheiro das lenhas a crepitar doloridas.

Agora o homem sabia (embora fosse já demasiado tarde) que nunca houvera hipótese para o antigo recomeço, pois quer fosse ali, noutra parte ou em Marte, haveria sempre a vontade humana de domínio sobre o resto, e a única salvação residia no facto impossível de se ter admitido, ele e os outros, como apenas mais um dado a juntar ao universo.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

Um dia haviam sido as plantas tintureiras, uma manhã após outra, a sobrevivência com os cereais, as laranjas, o gado, um dia atrás do outro, o tabaco, o peixe, a batata, o linho, as pescas, as paisagens, a rusticidade, o folclore, as dúvidas, o medo. Até que resolveram vender a própria ideia: o sonho de navegar indemne e vazio, o sonho de navegar com um pé nas ilhas – jangadas, o mesmo chão do universo que o Criador criara e a aragem salgada que fizera dos ilhéus um povo com espírito de montanhas, vales e aquáticas bravuras. E este espírito tornou-se brevemente o único que os salvara da ruína, e os mantinha ainda agora, quando todo o mundo quase colapsara sob a febre dos petróleos, das guerras frias e quentes e das hegemonias.

Nas ilhas vendia-se para toda a parte o ancião espírito de prados e farturas, a genuína fé das crenças sem limite e o valor total do homem puro, da vida às amarguras.

Das ilhas, agora piramidais, partiam carregadas naves do esquecimento, e como saltimbancos eles corriam de lés a lés o mundo ensandecido para oferecer o bem mais raro e precioso, o tão inflacionado conteúdo: as ilhas vendiam a imagem do que um dia foram – do que o mundo inteiro pudera ter sido – e era algo que agora valia mais que os bens ou o dinheiro, que descoberto estava o segredo de reciclar as coisas, mas não o seu sentido.

As ilhas haviam gerado desde sempre apenas duas espécies de criaturas: os navegantes e os crentes; enquanto os primeiros levavam a bandeira da teimosia mas da ténue e eterna amargura por ali ter nascido, para os segundos sobejava a mente sem limites, que fazia duma âncora uma asa aberta. Os navegantes levaram a saudade ao mais longínquo horizonte e, sem nunca lá voltarem, publicitaram as ilhas. Os crentes sustentavam-nas, como um casulo imenso que protege e acredita no tempo que há de acontecer. Entre ambos haviam forjado finalmente esta era de lua e tecnologia que as naves do esquecimento se encarregavam de perpetuar eternamente para lá dos limites piramidais das ilhas.

Porque uma vez alguém contara ao homem que o verdadeiro desafio consistia em reinventar-se sem sustentar a marcha; em moldar o barro com as próprias lágrimas sempre que a terra se mostrava, enfim, vazia...

Madalena San-Bento, janeiro de 2010

Madalena San-Bento



3. Sob o efeito da leitura...

Na praia finalmente; finalmente, o sol amorna os sentidos, o corpo é lasso e líquido como as águas, mas a espuma das palavras sobe e emerge sob a nossa quietude, derrete-se no marulhar das ondas, preenche-nos de um lugar que não é ali nem em nenhuma parte incerta, antes na certeza absoluta de se estar onde se quer. E através da fluidez da escrita, em todos os lugares do mundo...

De bruços sobre a relva, os gritos das crianças misericordiosamente equidistantes; de ventre exposto ao sol, no calmo balanço das redes lansas, uma sombra de árvore sobre o corpo amolentado, os heróis e aventuras espalhados em redor da nossa tranquilidade...

Na preguiça que se estende ao longo das montanhas, no silêncio do enfim recolhimento, a música das frases e a trama das ações, desdobradas entre nós como segredos ou doces atrocidades...

No veludo dos matos, ao compasso das cascatas, há palavras que nos cantam o poder de tais imagens, que nos embrulham na língua doce e viva com que falamos aos outros;

Na orla das minhas angústias e bem dentro dos sonhos que acalento, estes autores, fazedores de magias e ilusionistas do texto, têm povoado os mundos que eu primeiro desertifico, para poder encontrar-me e mais comedidamente.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

Têm trabalhado para mim, na lonjura dos seus postos incansáveis para me cantarem melodias sem pressa, com um vagar que ninguém mais comigo gastaria;

São o meu passeio, o meu repouso, a minha viagem nas intensas paragens, são o manto que me cobre e o descanso merecido, o estímulo e o movimento onde me integro. É deles que se alimentam as minhas férias e com eles construo uma nova dimensão, tantos meses sonhada.

Às vezes escolho-os, com vagar, gulosamente, entre prateleiras novas ou leituras revisitadas. Outras, são eles que me acenam, me invadem e se anunciam, com a viva pressa de se apresentarem à novidade da existência que nem os suspeitava.

Vêm nos braços de amigos, na propaganda das montras, na sugestão de conversas ou apenas na incerteza de uma nova experiência. Estão quietos, mas se eu desejar, esperam-me em toda a parte, até mesmo aqueles que já foram meus íntimos na infância.

Tenho tantas coisas para dizer-lhes e eles atendem ao discurso do meu pensamento com uma constância deveras espantosa. Depois de me preencherem preenchem ainda o vazio, preparam-me para o interior assim como para o lá fora. São companheiros de dia, de noite e de intervalos, tão intensos quanto uma presença desejada e tão discretos quanto um guarda-costas.

Não são apenas meus – todos nós temos aqueles que aceitarmos.

Não é em vão que se pergunta: Que livro levarias se...?

Oh! Levava-os quase todos, os que me consomem, os que me fascinam, os que me confortam e os que me atordoam, como gente que se move à minha volta, com um cuidado imenso em encantar-me, sem interromper o curso desta curta vida!



Madalena San-Bento

4. 4. Texto de natal

O carro rola na estrada. É um desses fins de tarde pesados no cansaço, onde o cansaço, ao fim de tudo, ainda nos consome. Para mais, a chuva cai. De novo.

- Porque é que chove tanto antes do Natal? – Perguntas tu, subitamente inclinada no banco de trás.

- Não sei – respondo - é que não sei de fato, e estou muito cansada.

Mas o teu tom de voz diz-me que não desistes; aliás, és rápida, como sempre:

- Chove porque os anjos estão a tomar banho, a preparar-se para o Natal. E porque é que às vezes para e recomeça?

- Não sei - torno eu, já certa de que terás uma resposta.

- É porque se acaba o gás e têm que ir trocar a garrafa.

Rumino no silêncio esta explicação simples e esplêndida. A tua lógica sempre soube pegar nas mentiras douradas que te disse e elaborar com elas enredos dignos da mais complexa literatura.

Por isso mesmo, pelo retorno, fui sempre incansável em alimentar o teu mundo de magia: a fada dos dentes, o anjo Gisel “primeiro ajudante e traquinas-mor do céu”, o coelho da Páscoa, os duendes e muitos outros que foram surgindo pelo caminho das nossas aventuras, como os brinquedos que acordam à noite para uma vida frenética e estupenda. Mas acima de todos, acima de tudo, a oficina do Pai Natal com o seu inesgotável leque de bolachas cheirosas, ruídos estimulantes e cintilação de joia.

- Agora estamos a passar pela zona onde manda o anjo do nevoeiro – continuas, alheia aos meus pensamentos (ou talvez tão perfeitamente dentro deles que é como se vivêssemos num casulo intocável).

Olho-te de esguelha, pois tenho que concentrar-me na estrada à nossa frente, onde esvoaçam fiapos esbranquiçados que tornam tudo pouco visível. Mas tu dizes ainda, com a paciência de quem explica uma cartilha:

- É o anjo do nevoeiro quem põe pó mágico nas asas de todos os anjos. Eles têm que caminhar até ele, venham de onde vierem. E mora mesmo aqui por cima – rematas, com um sorriso.

Mas agora vem a pior parte: tu não sentes, eu procuro esquecer; mas a verdade é que já fizeste nove anos; para te proteger dos teus colegas, do mundo, de tanta coisa, tenho que trazer-te à realidade. E digo, arrastando as palavras, mas impiedosamente:

- Sabes, o Pai Natal é um ser da imaginação...

Tu resistes, incrédula. Resistes com toda a tua glória. Eu sinto e fixas-me num alheamento, porque para ti, tal como eu quis, a imaginação é a vida. E então eu sou mais cruel, precisa; digo e explico.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 27

Madalena San-Bento

Dos teus olhos caem, num silêncio culpabilizador, lágrimas quietas; ficarás assim, sem um soluço, sem uma trégua, tempos infinitos.

E eu percebo, com tanta dor que seria impossível abraçar-te: porque o que as tuas lágrimas me dizem é: “Fecha a porta. Que fazes? Vem para dentro de nós, pois aí faz muito frio!

Mas desta vez não volto; não posso. E para mais, tenho que arrastar-te comigo para a verdade. Sei que não haverá retorno e é assim que sangro; tu habitavas num castelo límpido, de cristal e ouro, e eu não tenho um digno substituto. Mesmo assim, digo:

- Tudo ficará como dantes. Basta quereses. Vês como sou grande e ainda quero?

Chegamos ao nosso destino. A única coisa que me respondes antes de fechar a porta do carro a caminho da aula de dança, é a tua forte evidência:

- Nunca mais nada será como antes.

Passarão vários dias: o tempo que tu precisas para reencontrar a sombra fugidia da infância e o tempo que eu preciso para vingar a saudade...

E numa viagem igual a tantas outras, quase no mesmo ponto do trajeto, tocas-me no ombro e apontas as nuvens ao anoitecer de inverno:

. O céu está vermelho – dizes – já devem ter acendido as luzes da oficina. Talvez possamos fazer bolachas doces para os anjos...

Eu sorrio e tu piscas-me o olho.

És poderosa, fantástica.

Deste-me momentos. Pedacos inesquecíveis.

Eu, dei-te tudo o que tinha.

Será que estamos quites?

Nunca estaremos: o amor é exigente: devora-nos.



No 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO



Todas as edições em www.lusofonias.net

5. Um Livro entre nós

O que há hoje para ler?

E o ideal seria, aquilo que perseguimos, que esta fosse uma pergunta habitual, frequente, recorrente, tal como se indaga sobre o cardápio para o almoço ou para o jantar; não só nas nossas escolas como também no interior das casas, no seio das famílias, dos convívios e das associações.

Que ler seja quotidiano como um hábito, natural como uma necessidade, vital como um anseio premente. E isso acontecerá apenas através do manuseamento, da frequência e da desmistificação. É certo que as escolas têm que multiplicar-se na condução à leitura como uma porta aberta para todo o currículo e como um meio de diversão; as famílias terão de educar com a presença usual do livro e a sociedade terá de abrir espaço para que a palavra escrita caiba eficaz e continuamente dentro das suas práticas.

Ao abordar um plano por vezes esquecemo-nos de tracejar os limites do que se há-de inserir dentro dele e por vezes este descuido custa-nos o granjear adeptos. No caso da leitura convém aceitar um universo bem vasto das coisas que se escrevem, o que não significa necessariamente descurar a qualidade; apenas ser mais ecléticos nas escolhas, menos rígidos nos conteúdos, nas temáticas e nas proveniências.

Porque ler é, primeiro que tudo, aprender a receber a mensagem, a reagir a ela e (ainda que mudamente) a comunicar. Aprender a estar bem aberto para um universo muito, muito vasto, que é sempre humano, no entanto, e donde navegam experiências, dimensões, sentimentos e ideias – ideias sobre as coisas, das quais é possível participar. Porque infelizmente, é possível ler e ficar de fora, ainda que não seja esta uma eficaz leitura.

Porque, pelo menos no início, há que escutar o que o ser de cada um anseia para o conciliar com a leitura, para o viciar nela.

E o resto, sim: será um mundo que se abre, sem fronteiras nem limites. Um mundo que trará os clássicos mas também os recentes, os inovadores, os que se escrevem dentro de casa e os que se evadem dentro da alma, a criar um gosto, uma sensibilidade e um conhecimento.

É verdade que também não nos iniciamos na comida apenas ingerindo as criações de grandes chefes (talvez o nosso paladar ainda não reconhecesse a sua inegável qualidade e acabaríamos por nos enjoar com elas) nem se aproxima um recém-nascido da música senão através de sons muito simples e facilmente reconhecíveis dentro universo que lhe é atraente e familiar: assim mesmo levaremos as pessoas à leitura – utilizando o fio da sua identificação e da sua preferência – a infalível teia humana do reconhecimento.



6. Eu sonho o meu menino

As pessoas sonham o Natal,
Há um murmúrio de ideias cheirando a pinho, nas ruas,
As pessoas sonham e passeiam os seus sonhos
Nas luzes, na festa dos odores,
Na nervura das cores
As pessoas sonham o Natal.
E eu, sonho o meu menino.
O meu menino é ramos de árvores
E frutos licorosos,
O meu menino é luzes acesas,
É cheiro a pão quente,
Suavidade no pelo dos animais,
Bolachas de gengibre no calor da casa,
Riso nos olhos e música no peito,
É todo um brilho e ainda muito mais...
Por isso, este Natal,
Eu sonho só o meu menino.

7. A primeira vez que Rodrigo vê a ilha

setembro de 1810: a primeira vez que viu a ilha, foi num fim de tarde quente, cansado de longa viagem, quando julgava que nada mais o podia entusiasmar.

E nada apareceu – além de montanhas de espantosa altura e com tal disposição, que pareciam desafiar as artes humanas.

“Para viver por entre aquilo tem que se ser um bicho, não um homem” – pensou Rodrigo a quem a falta de viagens ainda não habituara à aceitação da multiplicidade de espaços e critérios.

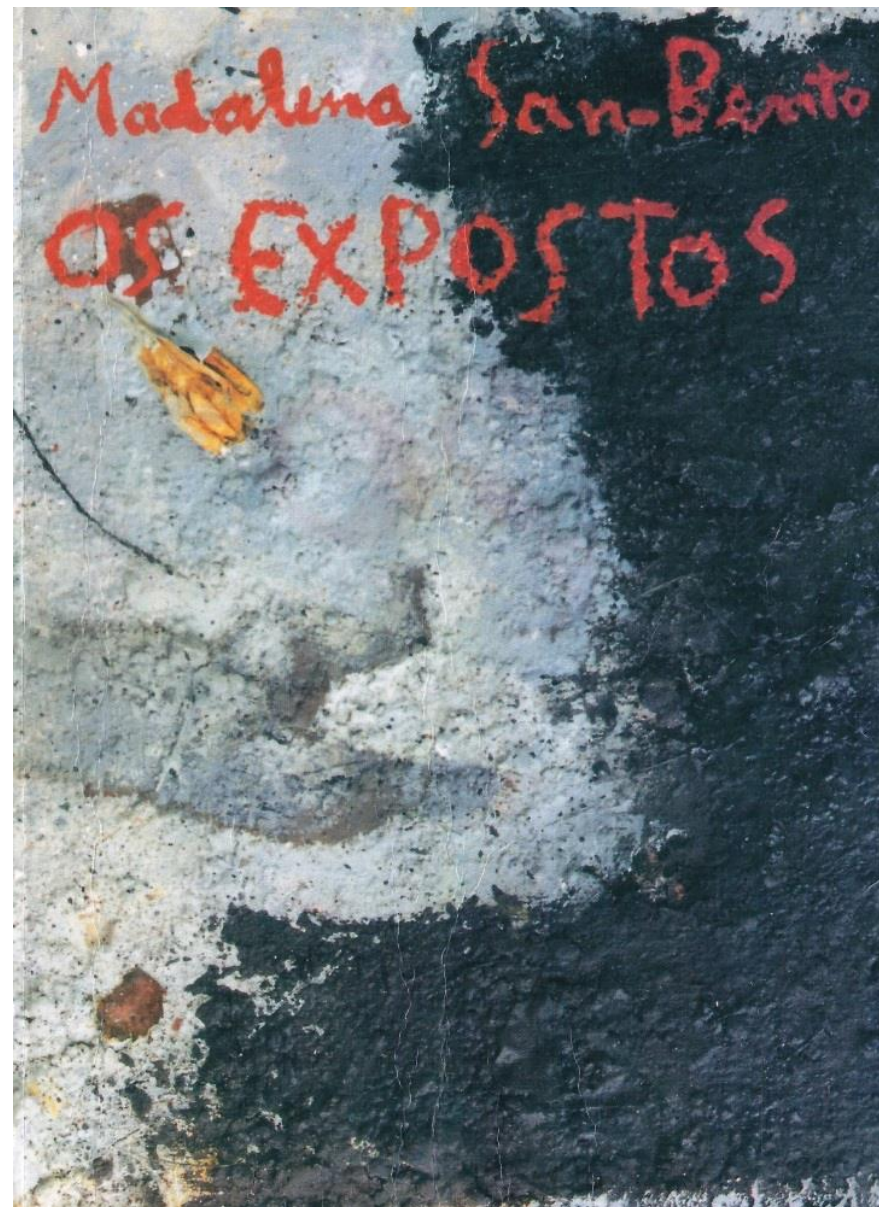
A praia surgiu então: multidão de pilares ramificados no basalto. Era uma imensidão de fortes luzes e sombras, como se alguém houvesse derramado tonéis de tinta, que escorriam em cambiantes pelos flancos das montanhas, fissurando-se contra o mar que cá em baixo as esperava.

Joseph Hamilton, o comandante, juntou-se a ele na amurada e, apontando com o queixo na direção dos contornos da ilha, disse:

– Certas opiniões afirmam que ela existia como uma planície imensa antes de ser coberta por montanhas e colinas, vertidas por explosões vulcânicas.

Falava com o desprendimento de quem está constantemente de passagem; era um espectador vazio de emoções, sentindo, na infinitude das paisagens aveludadas que lhes mostrava a costa, apenas o prazer de quem descansa a vista da monotonia do mar.

Mas para Rodrigo, que se sentia desembarcar precocemente com a alma, e embora a massa de terra em si não dissesse nada, isto era o termo (ou começo?) de uma viagem. Não tinha palavras nem força; não as tinha com autenticidade, porque a verdade, naquele instante, seriam lágrimas. [...] Tivera de convencer o autoritarismo do pai de que era capaz, durante mais anos do que os que parecera possível suportar. [...] Foi precisa uma crise aguda de reumatismo durante a oportunidade única de exercer nova e proveitosa influência comercial (que todos os entendidos na matéria aconselhavam) para que Barnaby Lawson, capitalista de gosto e bem informado, acedesse a mandar o seu único filho aos Açores, averiguar junto dos demais interessados, sobre as possibilidades da proposta que lhe fora recentemente feita, acerca do comércio da laranja.



8. Os Expostos

A conversa era, neste momento, da sua responsabilidade, e a ele cabia a honra de comerciante convidado. Voltou-se então para Ismael e perguntou, tendo cuidado de parecer apenas procurar tema para a conversa:

- Pelo que percebi, viveu algum tempo numa casa de padres?
- Vivi num convento. Não tinha outra escolha – Fui exposto na roda.

Seguiu-se um silêncio. Ismael continuava a fitá-lo sem nenhum desafio. Apenas tentava averiguar as suas reações.

– Um exposto – socorreu Sir John contrafeito – é uma criança que a mãe, por qualquer motivo impedida de criar, entrega ao cuidado das freiras. Quando não quer ser conhecida, deixa-o na roda giratória, que também serve de recetáculo para oferendas.

– Curioso – retorquiu Rodrigo – em Inglaterra já existem instituições mais específicas para este efeito.

– E aqui também, meu jovem. Mas esta é, acima de tudo, uma terra mística (entenda-se este termo como se entender). E isto tem a sua explicação na própria natureza das ilhas: como poderá constatar, aqui se veem as mais pitorescas paisagens, debaixo das mais extravagantes sensações de beleza e de terror.

Depois, há vulcanismo, e a evidência gritante que a terra apresenta a cada passo, e a este respeito.

– Sim, pelo que me informei antes de vir, as erupções, e sobretudo os abalos de terra, acontecem de facto de forma muito frequente. – Rodrigo lembrava-se de que este fora sempre um dos argumentos que o pai apresentara para interditar a sua viagem, mas que para ele exercia uma espécie de “atração do abismo”. [...] Andrews continuou:

– Esta gente, supostamente cristã, reduziu os presságios a uma arte, e deixam as suas casas, os seus altares, e os seus campos, logo que um sinal lhes anuncia uma erupção vulcânica.

– Permita-me discordar, Sir John – interveio logo o secretário. – Os fenómenos a que se refere já fazem tanto parte do seu quotidiano, que não se podem dar ao luxo de tal atitude perante eles; este seria o proceder de alguém que não trouxesse a instabilidade do solo no próprio cordão umbilical. Os habitantes dos Açores temem-nos, mas já aprenderam a viver com eles. [...]

Terminada a refeição, o cônsul encaminhou-os para a saleta já iluminada, cujas janelas estavam abertas, pois reinava a acalmia e o ar de setembro, muito quente, oprimia.

– Terá que se habituar a esta nova humidade, presente em todas as coisas. É o ar da ilha agarrando-se ao nosso corpo, sondando-nos. O céu fecha-se sobre nós, como se fosse uma concha protetora. Mas, talvez por isso, as plantas se deem tão bem em tal clima.

– “Mister” Rodrigo, o que o cônsul deseja, de facto, é que vá até à janela e elogie o seu jardim. É muito suscetível quanto a isso – disse Ismael, sorrindo.

John Andrews sorriu também.

– Confesso que invisto muito na flora, em todas as minhas propriedades. Mas aqui nos Açores, as coisas conseguiram tomar-me mais a mim do que eu a elas; se é que percebe... Perceberá, mais tarde.

Há alguns meses, mandei vir de Inglaterra Herbert Flint, um jardineiro em quem deposito toda a confiança, e que está neste momento a fazer algumas tentativas e arranjos na minha propriedade das Furnas. Levá-lo-ei lá, com muito gosto. [...]



No 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

9. O Vale das Furnas

Dali a um tempo, entrou a figura [Caranguejo] por quem esperavam, fazendo muitos esgares e segurando o barrete amarfanhado na mão.

Ismael explicou-lhe para que o queriam: era uma viagem até às Furnas, com algumas paragens, para mostrar a “Mister” Lawson o que fosse mister. Na volta, pretendiam passar pelas Caldeiras da Ribeira Grande e queriam ir às Sete Cidades.

O homem respondeu que a tarefa era das mais simples, mas morosa. Tratassem os senhores dos haveres, que ele próprio se encarregaria de contratar as mulas para a viagem.

– Mulas?! – perguntou Rodrigo.

– Não pensa, com certeza, – retorquiu Ismael – que pode ir na carruagem do cônsul por esta ilha fora. E encontrará passagens que o nervosismo de um cavalo o fariam atravessar sim, mas de encontro à morte. [...]

Àquela hora matinal, em que a gratidão da noite perante o calor trazido por raios do sol lhe retribui com luz serena, o ar estava tão leve e impoluto, que ardia na garganta, ao ser respirado.

As mulas projetavam o seu bafo húmido e iam subindo, na ponta dos cascos pausados e insistentes, as agruras do atalho. [...]

Por vezes, Rodrigo apercebia-se, entusiasmado, que a lava terrífica sobre a qual tantas vezes lera e estudara, deixara no solo bem patente o seu caminho sinuoso até ao mar: eram braços demoníacos os que se estendiam, agora solidificados, desenhando um percurso visível de chão ossudo e careca.

Outras vezes, surgia um solo particularmente favorável a vegetação luxuriante: pasto aberto, circundado por bosques e vinhas ou campos de milho, alternando com jardins de laranjeiras.

Assim era a fertilidade destas paisagens ao longo das quais passavam, com a sua configuração oferecendo montanhas e planos, que indicavam claramente a predominância do fogo na sua geração. [...]

– Quantas variações subtis de tonalidades julga capazes de existir na cor verde? – perguntou Ismael.

– Ao olhar aquilo, sei que infinitas e inumeráveis – respondeu Rodrigo, voltado para uma encosta socalcada, por onde caíam, inclinados mas bem fixos ao solo, troncos de castanheiros, vinháticos e pinheiros, abrindo as copas como rabos de pavão. [...]

Precisou de tempo para dar-se conta que a linha purpúrea que lhe feria o olhar, embora longínqua, era o nascer do sol hesitante entre o mar e o horizonte que os cercava.

A ilha, assim, deixava de ter contornos, diluindo-se ela própria entre o céu e o mar, flutuando, e tornando-se deveras uma coisa etérea. [...]

Rodrigo deu por si a pensar: “Será que é por ter nascido cá, por haver algo em mim irremediavelmente gerado nesta terra, ou isto acontece a qualquer um, de lés a lés do mundo, ao ver semelhantes coisas?”

E foi assim, embalados na dolência dorsal dos bichos, que chegaram àquele ponto sublime da caminhada, em que vinha ao seu encontro uma porção fantástica do vale onde jazia a lagoa.

As águas, na estaticidade inanimada de um espelho, refletiam trémulas pontas de ramos de árvores, plantadas em suas margens.

Como cofre impenetrável e talhado em diamante, escondendo o segredo da vitalidade que lhe percorre as profundezas, ela apresentou-se cheia de majestade improfanada. Do chão evolava-se uma névoa, provocada pela evaporação de partículas de água, aquecidas ao sol. [...]

Foram apanhados pelos camponeses e trabalhadores do vale antes de chegarem à fresca guarida do convento. Homens juntaram-se à sua volta num círculo, enquanto as mulheres esperavam, curiosas, um pouco mais além.



No 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

10. Diários de Teresa e de Senhorinha

DIÁRIO DE SENHORINHA:

Não me obrigaste a fazer nada. Não foi o destino, nem a sorte, ou sequer Deus, quem me empurrou de encontro ao inédito da falsidade.

Nenhuma música tocou acordes para a minha loucura.

Mas foram os anos gastos a sonhar demais, as trevas, clausura de promessas, que me impeliram de encontro a esta luz.

E ninguém; nem um certificado do medo, me afastaria jamais de tal experiência. O medo.

Esse medo medonho que eu ainda tenho, que a noite venha, que caia sobre nós com seus augúrios. E, finalmente, que nada reste senão o âmago do olvido.

11. DIÁRIO DE TERESA:

Não posso acreditar que seja hoje o dia! Estou frenética! O senhor Teófilo Canto assegurou-nos ontem de novo que o CT2AV em breve será o posto emissor mais ouvido no arquipélago. Como é esfuziante pensar que já não somos um ponto quase invisível, microscópico, no mapa mundial. Somos ruídos, ondas sonoras!

Estou inquieta para ver Catarina de novo. Sinto que ela tem o carisma que há muito procurava. Algo me diz, indefinidamente, que encontrando em Catarina aquilo que busco, isso me ensinará o caminho para André. Resolvi que não o vou perder numa história doméstica qualquer: hei de resgatar o nosso amor fantástico (aquele amor que ainda nem tivemos) e salvar-nos da mesmice.

Prometo-te, André, ainda que não o saibas – porque já resolvi que é este o meu projeto para nós e hei de levá-lo por diante, à custa de qualquer dor.

Este é o meu homem.

É natural que me agarre a ele como uma liana asfixiante. É natural que lute pela sua posse. É natural que tema perdê-lo. Pois decidi fazer dele o meu homem.

O homem que habituei aos meus aromas; o homem que untei com os meus desejos.

Porque eu não acredito na indistinção dos gostos, não me entregarei, não nos entregarei à indistinção dos prazeres.

É este o homem que ensaiei ao toque da minha pele, nos parênteses dos meus sorrisos e tenho a certeza de conseguir industrializar no reconhecimento dos meus segredos.

Mesmo um dia, se alguém se apossar dele indevidamente, quero que se lembre de mim entre diferentes gestos, e reconheça tudo o que é meu, nas ausências, na alteridade, no incumprimento do dever de ser meu.

E haverá entre ele e outras sempre esta sombra, esta mágoa de não ser a legítima continuidade de um amor que pode renovar-se.

Acredito em baladas eternas. Interrompidas, porém sempre as mesmas no âmago.

Para compor esta balada preciso de uma palavra mágica. Preciso dela, apenas.

12. DIÁRIO DE UM ESBOÇO DE MULHER:

Esta é a minha mãe. Mãe, palavra nova.

Na breve sapiência que me é por ora permitida, conheço e saboreio melhor o conceito “Mulher”.

Estou pois nesta mulher, moro-lhe nas entranhas, sãs e impolutas. Não sabeis vós hoje, não imaginareis jamais como é belo um útero; que perfeição macia existe nas nervuras elásticas dos seus interiores, o toque doce que tem para a nossa pele quase formada, os filamentos rubros que nos envolvem e se curvam sobre nós, palpantes.

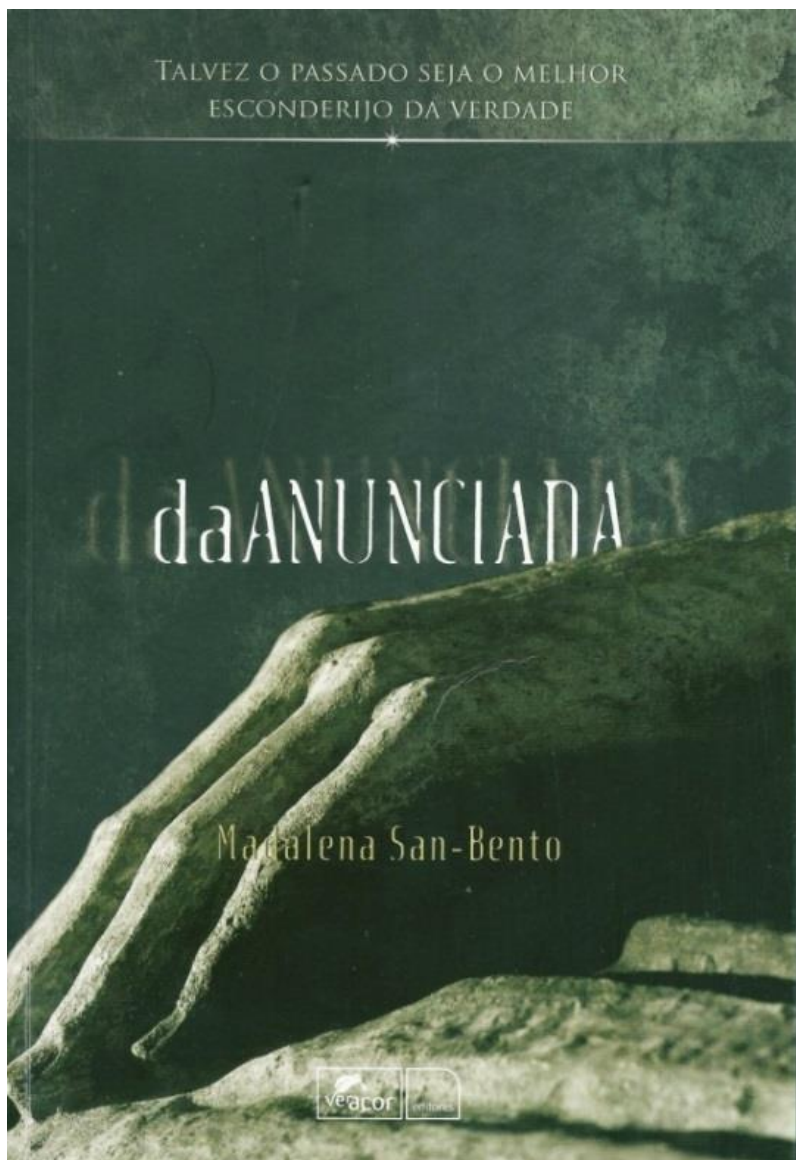
Aqui dentro é a perfeição absoluta de um ninho que acolhe e vela. À nossa volta corre uma vermelhidão luminosa mas opaca.

Há o som atapetado do silêncio, das comunhões absolutas. E quando ela se move, eu balanço dolente nesta cama esponjosa e íntima. Corre por toda a parte e alimenta a liquidez cálida do sangue.

Gozo, pois, ignorando que cedo esquecerei no nascimento, para nunca mais saber desta longa e única verdade.



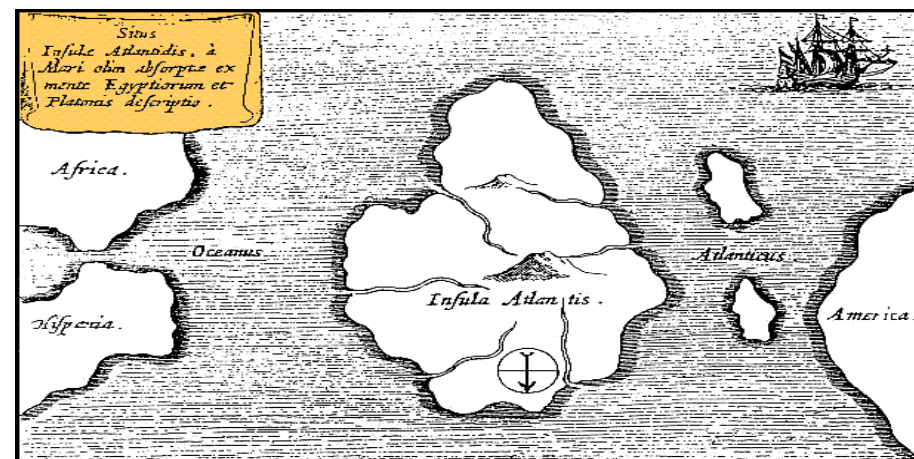




CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 27 - edição março 2015

Madalena San-Bento



Editor AICL-Colóquios da Lusofonia

Coordenação dos Cadernos: Chrys e Helena Chrystello

(Helena Chrystello editou este número)

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

©™ COLÓQUIOS DA LUSOFONIA